

Desafios da Interculturalidade: O diabo no imaginário social do

Sertanejo

Profa. Dra. Maria Teresa Toríbio Brittes Lemos
Universidade do Estado do Rio de Janeiro
(UERJ)RJ/Brasil

O sertão é paradoxal! Com suas terras áridas, aparentemente inóspitas à vida apresenta uma fauna e flora específica como mandacarus e cactos que se entremeiam com os ipês roxos e amarelos, vegetação rala e seca, rasteira que se transforma rapidamente com os ralos pingos de chuva. O verde, como um passe de mágica, reaparece, de forma camaleônica, metamorfoseando a secura e a rachadura do solo e impregnando os espaços de um frescor genuíno que anima a sexualidade das cabras, dos bodes, carneiros, porcos, galinhas, camaleões, tatus e lebres assanhadas que correm pelos espaços desnudos, agora com a vida.

Homens e jegues caminham soturnos, calados, ensimesmados para as pequenas vilas e armazéns, para os goles de cachaça e rapadura com farinha, às vezes um suco de umbu.

O sertão promete! Histórias fantásticas dominam os imaginários. Aqui e acolá os mitos locais, nunca esquecidos, são recuperados pela fantástica memória daqueles habitantes, aparentemente sofridos, mas fortes, valentes e, sobretudo sobreviventes. Sim sobreviventes das desigualdades, das indiferenças e das anomias. Esse é o nosso sertanejo, o homem bravo que contrariou Ratzel e dominou o inferno que lhe sobrara da riqueza daquelas terras. Ele tem tempo para se apaixonar e morrer *de paixão* como a história de “Chico Paixão”, de matar mil onças como Damião, o *matador* e ainda de Josué e o desvendamento do mito da Pedra Santa ao ver São José, um homem barbudo,

de branco, com cinto de corda e um cajado, segurando um menino pela mão. A vida aumentou com as romarias. Todos subiam com archotes pelas pedras que levavam ao topo da Pedra. Todos pediam vida. Todos agradeciam e a Igreja aumentava seu patrimônio e também salvava almas. Era muita gente! Era muito dinheiro das economias daqueles sobreviventes!

O sertão é o microcosmo das diferenças, é o espaço da interculturalidade, onde as identidades são construídas e a racionalidade pela sobrevivência predomina. Não se pensa muito, mata-se mais. A Pedra da Morte está lá de pé, local cheio de energia dos mortos, em frente à Pedra Santa, testemunha secular dos tombamentos por balas e peixeiras. Só o *Pé Liso*, o Matador, deixou escapar o promotor que o perseguia, enganado por suas histórias. Ele sabia nadar, enganou o jagunço, que desmoralização! Dizem que Pé Liso nunca mais matou ninguém, abandonou o crime e foi criar cabra. Esse é o nosso sertão. As histórias ficam e são a memória e o marco das identidades.

E essas periferias pluriculturais são os espaços onde as identidades locais são forjadas. Nessa confluência multicultural a cidade toma suas feições e o espaço do sertão se configura, unindo-se à cidade por uma estrada poeirenta e esburacada. É a região onde a alteridade não é respeitada, nem conhecida, nunca ninguém falou nisso. Por ser desconhecida é temida, ali se forma uma nova identidade, mesmo que seja pelo medo, onde predomina a racionalidade pela sobrevivência.

Construção das identidades

Para a análise dessas sociedades nos apoiamos em Manuel Castells. O autor considera Identidade um “processo de construção de significado com base em um atributo cultural, ou ainda um conjunto de atributos culturais inter-relacionados, que prevalecem sobre outras fontes de significado”.¹

Esse conceito nos permite compreender porque um indivíduo pode adotar identidades múltiplas, bem como essa pluralidade, que consiste numa “fonte de tensão e contradição tanto na auto-representação quanto na ação social”.²

Também, nos alerta para a necessidade de estabelecermos distinção entre a identidade, papéis e conjunto de papéis. Para Castells as “Identidades constituem fontes de significado para os próprios indivíduos ou grupos sociais originadas por eles, e construídas por meio de um processo de individuação”.³

Outro aspecto que o autor aponta e que é relevante para nossa análise consiste na construção identidades formadas a partir de instituições dominantes, especialmente quando os grupos sociais as internalizam, construindo seu significado com base nessa internalização. Assim, consideramos as Identidades fontes significativas para nos esclarecer o significado dos papéis e o processo de autoconstrução e individualização que as envolvem⁴.

Assim, concluímos que as identidades organizam os significados, enquanto os papéis organizam as funções. Castells define *significado* como identificação simbólica, por parte do indivíduo ou grupo social, da finalidade da ação

¹ - Castells, Manuel – O Poder da Identidade. RJ., Paz Terra, 2001, p.22

² - Idem, op. cit., p. 22

³ - Ibidem

⁴ - Ibidem , Idem

praticada por ele e o significado organiza-se em torno de uma identidade primária (uma identidade que estrutura as demais) auto-sustentável ao longo do tempo e do espaço.⁵

Para melhor análise da nossa temática, o conceito de *Identidade de resistência* reforça nossa discussão sobre as estratégias de sobrevivência dessas sociedades nas periferias pluriculturais, criada por indivíduos ou grupos sociais que se encontram em posições ou condições desvalorizadas ou estigmatizadas pela lógica da dominação. Por isso são obrigadas a construir trincheiras de resistência e sobrevivência.

Outro aspecto que apontamos refere-se à *Identidade de projeto*, especialmente quando os indivíduos ou grupos sociais constroem uma nova identidade capaz de redefinir sua posição na sociedade e, ao fazê-lo, de buscar a transformação de toda a estrutura social. Esse é o caso que tratamos, em nossa análise, quando abordamos as estratégias de sobrevivência dessas populações que se encontram à margem da sociedade “organizada”.

As sociedades que constroem novas Identidades como resistência podem acabar resultando em projetos, ou mesmo tornarem-se dominantes nas instituições da sociedade, transformando-se assim em identidades legitimadoras para racionalizar sua dominação, ainda, segundo Castells.

No sertão o refrão: “*Exclusão dos que excluem pelos excluídos*”, ou a construção de uma identidade defensiva e ideologia dominantes reforça os limites daquela resistência.

⁵ - Ibidem, idem

Estratégias ou astúcias: a desordem

Após essas considerações, e com os conceitos sobre identidade pontuados, recorreremos a Balandier para a análise da desordem social nessas sociedades. Entendemos como o autor que “a ordem e a desordem são como as duas faces de uma moeda: indissociáveis. São dois aspectos ligados ao real, sendo que um baseado no senso comum, parece ser o inverso do outro”.⁶

Para o modelo de organização social desejado no mundo em que vivemos a desordem “e torna uma dinâmica negativa que cria um mundo ao contrário” Da mesma forma a inversão da ordem, necessariamente não significa o seu desmantelamento, ao contrário pode servir para reforçá-la ou ser um de seus elementos constitutivos sob um novo aspecto, afirma Balandier. Nesse contexto Faz-se a ordem é construída com a desordem, “o sacrifício faz a vida com a morte, e a lei com a violência domesticada pela operação simbólica”.⁷

Por isso, a estratégia consiste numa astúcia, onde as sociedades permitem um lugar para a desordem, mesmo temendo-a; por não terem a capacidade de eliminá-la – o que, segundo o autor, “as levaria a matar o movimento em seu interior e a se degradar até o estado das formas mortas”. É necessário, inteligentemente, conseguir uma maneira de fazer uma composição, na medida que é irreduzível, e mais vai além, pois a única saída é transformá-la em instrumento de trabalho com efeitos positivos para utilizá-la no sentido de sua neutralização, ou de convertê-la em fator de ordem.

Como não se pode desarmar a desordem é preciso, antes de tudo, jogar com ela e introduzi-la em um imaginário que produza este efeito. Por isso, afirma Balandier “as palavras e o imaginário permitem lembrar as condutas geradoras de crise que a ordem social comumente refuga, substituir a transgressão fictícia pela transgressão real, portadora do mais alto risco em um mundo regido pela tradição, colocar a esperteza a serviço de uma liberdade de fato impossível” .

⁶ - Balandier, G.- A desordem. RJ., Bertrand Brasil, 1997, p.121

⁷ -Ibidem

E exemplifica com “um esperto que simula ingenuidade, um inocente que fala a torto e a direito, mas cujo humor despedaça os códigos tradicionais e desmistifica a glória dos poderosos e dos ricos. Imaginariamente, ele libera, fornece compensações iludindo sobre uma liberdade capaz de introduzir o jogo na ordem estabelecida”.⁸

Por isso, acreditamos que a cultura popular é o mecanismo mais apropriado para esses ensinamentos, pois “realiza uma transgressão impossível, porque geradora de crises amedrontadoras, através da fala os personagens imaginários; mas a saída abre-se muitas vezes para uma abordagem mantida, refeita ou reformada, ou aceita em razão dos absurdos que, ao fim e ao cabo, as desordens destruidoras do social revelam”.⁹

Outro aspecto dessa estratégia está nos meios para se obter a conformidade desejada ou sonhada, isto é , admitir a Lei, concebida em sua acepção mais abrangente, bem como os dispositivos que corrigem o desvio através do poder simbólico e dos rituais que levam à adesão do indivíduo e à submissão a verdadeiras montagens inconscientes, afirma Balandier . E, por meio deles a ordem social é comparada à ordem da natureza, acreditando que existe uma natureza social que só é comandada se obedecida.

Essa é a região pluricultural onde os espaços e as identidades locais são construídas. Nessa confluência multicultural o sertão toma suas feições e o espaço árido se configura, unindo-se às fazendas, à cidade, espaço onde a alteridade não é respeitada, mas temida, local onde se forma uma nova identidade, mesmo que seja pelo medo, onde predomina a racionalidade pela sobrevivência.

Outro ponto que destacamos para compreender nosso sertanejo, refere-se à construção da identidade coletiva e sua finalidade pois constituem

⁸ -Ibdem

⁹ - Idem, op. cit., p. 124

determinantes simbólicos bem como de seu significado para aqueles que com ela se identificam ou dela se excluem, afirma o autor.

Outro aspecto que apontamos para entendermos o sertão refere-se à *Identidade de projeto*, especialmente quando os indivíduos ou grupos sociais constroem uma nova identidade capaz de redefinir sua posição na sociedade e, ao fazê-lo, de buscar a transformação de toda a estrutura social. Esse é o caso que tratamos, em nossa análise, quando abordamos as estratégias de sobrevivência dessas populações que se encontram à margem da sociedade “organizada”. As sociedades que constroem novas Identidades como resistência podem acabar resultando em projetos, ou mesmo tornarem-se dominantes nas instituições da sociedade, transformando-se assim em identidades legitimadoras para racionalizar sua dominação, ainda , segundo Castells.

Para o estudo das estratégias ou racionalidade de sobrevivências daquelas sociedades, talvez a tipologia que se deva aplicar é a que apresente “formas de resistência coletiva diante de uma opressão que, do contrário, não seria suportável, em geral com base em identidades que, aparentemente, foram definidas com clareza pela história social”.¹⁰

Assim, o refrão “*Exclusão dos que excluem pelos excluídos*”, aplicado por Castells ou construção de uma identidade defensiva nos termos das instituições e ideologias dominantes, reforça os limites da resistência.

A desordem e o desordeiro – uma astúcia sertaneja

¹⁰ - idem, op. cit., p. 23

Após essas considerações, e com os conceitos sobre identidade pontuados, recorreremos a Balandier para a análise da desordem social nessas sociedades. Entendemos como o autor que “a ordem e a desordem são como as duas faces de uma moeda: indissociáveis. São dois aspectos ligados ao real, sendo que um, baseado no senso comum, parece ser o inverso do outro”.¹¹

O sertão é a desordem, é a inversão: “torna uma dinâmica negativa que cria um mundo ao contrário”¹². da mesma forma a inversão da ordem, necessariamente não significa o seu desmantelamento, ao contrário pode servir para reforçá-la ou ser um de seus elementos constitutivos sob um novo aspecto, afirma Balandier. Nesse contexto “Faz-se a ordem, construída com a desordem,” o sacrifício faz a vida com a morte, e a lei com a violência domesticada pela operação simbólica”.¹³

Por isso, a estratégia consiste numa astúcia, onde as sociedades permitem um lugar para a desordem, mesmo temendo-a; por não terem a capacidade de eliminá-la – o que, segundo o autor, “as levaria a matar o movimento em seu interior e a se degradar até o estado das formas mortas”. É necessário, inteligentemente, conseguir uma maneira de fazer uma composição, na medida que é irreduzível, e mais vai além, pois a única saída é transformá-la em instrumento de trabalho com efeitos positivos para utilizá-la no sentido de sua neutralização, ou de convertê-la em fator de ordem.

Como não se pode desarmar a desordem é preciso, antes de tudo, jogar com ela e introduzi-la em um imaginário que produza este efeito. Por isso, afirma Balandier “as palavras e o imaginário permitem lembrar as condutas geradoras de crise que a ordem social comumente refuga, substituir a transgressão fictícia pela transgressão real, portadora do mais alto risco em um mundo regido pela tradição, colocar a esperteza a serviço de uma liberdade de fato impossível”¹⁴.

¹¹ - Balandier, G. - A desordem. RJ., Bertrand Brasil, 1997, p.121

¹² - idem, op. cit., p.122

¹³ - Ibidem

¹⁴ - idem, op. cit., p. 123

E exemplifica com “um esperto que simula ingenuidade, um inocente que fala a torto e a direito, mas cujo humor despedaça os códigos tradicionais e desmistifica a glória dos poderosos e dos ricos. Imaginariamente, ele libera, fornece compensações iludindo sobre uma liberdade capaz de introduzir o jogo na ordem estabelecida”.¹⁵

Essa força vem da cultura popular que consiste no mecanismo mais apropriado para a realização desse desejo pois “realiza uma transgressão impossível, porque geradora de crises amedrontadoras, através da fala os personagens imaginários; mas a saída abre-se muitas vezes para uma abordagem mantida, refeita ou reformada, ou aceita em razão dos absurdos que, ao fim e ao cabo, as desordens destruidoras do social revelam”.¹⁶

Outro aspecto dessa estratégia está nos meios para se obter a conformidade desejada ou sonhada, isto é , admitir a Lei, concebida em sua acepção mais abrangente, bem como os dispositivos que corrigem o desvio através do poder simbólico e dos rituais que levam à adesão do indivíduo e à submissão a verdadeiras montagens inconscientes, afirma Balandier . E, por meio deles a ordem social é comparada à ordem da natureza, acreditando que existe uma natureza social que só é comandada se obedecida.

O “Sertanejo” de Grandes Sertões e Vereda ou Guimarães Rosa e a desordem

¹⁵ -Ibdem, idem

¹⁶ - Idem, op. cit., p. 124

A obra de João Guimarães Rosa, *Grande Sertão: Veredas* suscitou-me o desejo de escrever sobre o imaginário desse homem fantástico – o sertanejo.

Da mesma forma que para o autor "o sertão é intuído e não analisado, reproduzido e não descrito", tenciono compreender as formas de pensar do sertanejo, através das representações simbólicas do que seja o sertão, pois "o sertão está em toda parte...o sertão é do tamanho do mundo" .¹⁷

Os sertanejos guardam na memória coletiva as tradições e os costumes antigos, especialmente a religiosidade popular, rústica, do colonizador português. Por esse motivo, torna-se importante entender como ele imagina Deus, diabo, as relações entre o diabo e os homens e as punições, entre outras categorias religiosas que permeiam a região agreste.

O sertão parece não ter fim, longe de povoados e de terras cultivadas e, com um clima causticante como o semi-árido, o homem precisa desafiar a natureza para nele sobreviver. Esse desafio constante e contínuo exercita o seu imaginário, fazendo-o conceber a natureza como ela realmente se apresenta :árida , dolorida , sofrida e má. De bom, apenas conhece a graça divina - Deus, que também não se aproxima muito dessas terras : " o sertão é onde manda quem é forte, com as astúcias. Deus mesmo, quando vier, que venha armado!".¹⁸

Na cosmovisão sertaneja o sertão é dominado pelo diabo , chamado de demo, o Cujo , capiroto, capeta, cão e satanazim , entre outros tantos nomes que o sertanejo conhece. Ele vê na figura do diabo a encarnação do mal, evita falar o seu nome " em falso receio, desfalcam no nome de - dizem só: o Que-Diga" ¹⁹ Como tudo é difícil no sertão , viver torna-se "um negócio muito perigoso...".²⁰

¹⁷ -G.Rosa, J.M. - Grande Sertão: Veredas.1986:1

¹⁸ Idem, op. cit, p.3

¹⁹-Idem, op.cit., p.2

²⁰ -Ibdem

Para explicar as formas de organização do sertão, que são sutis, pois o desmando predomina pela força dos donos de terra, o sertanejo acredita que a maldade humana, a ruindade encontrada em certas criaturas, faz parte do diabo que vive dentro do homem. Por isso, encontra uma forma simples para explicar o mal: "O diabo vive dentro do homem, os crespos do homem - ou é o homem arruinado, ou o homem dos avessos"²¹. E como não há lei nem ordem, os homens fazem o que querem. Para compreender a rudeza dos homens, o sertanejo acredita que o sujeito está endemoniado ou com encosto, e somente considera cidadão aquele que não possui o diabo dentro de si.

Embora nunca tenha visto o diabo, nem os espíritos, o sertanejo acredita que o diabo regula as formas de pensar nos seres humanos, tanto mulheres, homens como crianças e cita o ditado - "menino - trem do diabo".²²

Nas representações simbólicas sobre a região, o sertanejo vê a presença do diabo em toda parte: "o senhor já viu, por ver, a feiura de ódio franzido, caratanho nas faces dum cobra cascavel? Observou o porco gordo, cada dia mais feliz bruto, capaz de, pudesse roncar e engolir por sua suja comodidade o mundo todo? E gavião, corvo, alguns deles já representam a precisam de talhar para adiante, rasgar e estraçalhar o bico, parece uma quicé muito afiada por ruim desejo. Tudo. Tem até tortas raças de pedras, horrorosas venenosas, que estragam mortal a água, se estão jazendo em fundo de poço; o diabo dentro delas dorme: são os demos"²³

Mas, como todo ser humano, o sertanejo traz em si a dualidade. Ao mesmo tempo em que teme o diabo que anda solto fora e dentro dos homens, também acredita que a religião é necessária "para desendoidecer, desdoidar. Reza é que sara da loucura"²⁴. Acredita que há necessidade de muita religião.

²¹ -Idem, op. cit.p., 3

²² -G.Rosa.1986:3.

²³ - G.Rosa.1986:3

²⁴ - Idem, op. cit., p. 8

No texto , o personagem Riobaldo conta que reza como cristão, católico, aceita as preces do compadre Quelemém, do Matias que é crente, metodista e ainda encomenda rezas para uma preta chamada Maria Leôncia que possui muito poder: " quero punhado dessas, me defendendo em Deus, reunidas de mim em volta... Chagas de Cristo!" ²⁵

Para o sertanejo o céu é a redenção. Embora ele acredite que as pessoas possam mudar, pois nem sempre elas serão ruins , porque ainda não estão " terminadas ", ele acredita que há o espaço da bondade no indivíduo. Pela experiência de vida , observa que " elas vão sempre mudando.Afinam ou desafinam"²⁶ e por isso para se chegar ao céu demora muito.

Um dos aspectos que deve ser ressaltado na concepção mental do homem do sertão é a relação entre Deus e o Diabo, pois não há muita diferença no modo de agir entre essas divindades. Diferentemente, da ortodoxia cristã, o sertão ainda conserva a concepção do Deus do Antigo Testamento, que não perdoa facilmente. Esse Deus para o sertanejo, complementa-se com o meio brutal, pois Deus também é ardiloso. Deus também faz suas traições , só que essa atitude divina tem o caráter de punição para aqueles que fazem maldade. A divindade, nesse caso, também segue as leis da região. O diabo de um jeito e Deus do outro, mas ambos se assemelham nas ações. A diferença , é que a ação de Deus, é considerada uma necessidade para dar um basta aos excessos cometidos pelos desmandos, enquanto a do diabo é para incentivar a crueldade.

Essa visão é bem explicitada quando Riobaldo tece considerações sobre Deus e o diabo. Para ele:

o diabo, é às brutas; mas Deus é traiçoeiro! Ah, uma beleza de traiçoeiro - dá gosto! A força dele quando quer - moço! -me dá medo pavor!

²⁵ - Idem , op.cit., p.9

²⁶ - Idem, op. cit., p.15

*Deus vem vindo: ninguém vê .Ele faz é na lei do mansinho - assim é o milagre. E Deus ataca bonito, se divertindo , se economiza."*²⁷

A vida no sertão, longe das leis e próxima da rusticidade herdada da colonização, molda as concepções mentais do sertanejo, aguçando a sua racionalidade, permitindo que ele distinga o bem do mal, com uma reflexão mecanicista , fruto da religiosidade que o ajuda a entender as cruezas sociais, sem mágoas, sem ódios, apenas como registro de um fato , cujo causador é diabo .

Assim , quando Riobaldo narra a história de um vizinho seu , que era um bom pai, que criava peixes , alimentando-os bem , mas que sem motivo aparente matou um velhinho que pedia esmola, logo recebeu a punição divina. Seus três filhos pequenos tiveram sarampo , não morreram , mas ficaram cegos. Para ele, o episódio serviu de lição , pois o homem ficou bom e caridoso, abraçou a religião e parece que ficou mais feliz. Quanto às crianças , quem sabe , noutra vida , não foram "mais malvados, da massa e peça do pai, demônios do mesmo caldeirão de lugar"²⁸

Tentando entender a cosmovisão do sertanejo através desses textos, observo que a presença do diabo serve como elemento catalizador das diferenças. Não é fácil encontrar o mal e imputar ao outro toda a culpa de uma sociedade desigual. No entanto, no sertão, como não havia para onde recorrer, o diabo estava ali para justificar toda a desordem social, surgida pelo processo de exploração de uma sociedade desamparada que vivia amendrontada pelo poder dos fortes.

A presença do diabo tornou-se importante para a vida do sertão. Associado ao mal, ninguém era ruim . Quando fazia uma maldade era porque o diabo estava agindo dentro do indivíduo. Se ele se arrependesse e fosse punido com uma

²⁷-Idem,op.cit., p. 15

²⁸ -Idem, op.cit.,p3

desgraça , estava salvo. Bastava sofrer ou que alguém que ele amasse sofresse para deixar de ser mau.

Dessa forma,o sertão forjou uma racionalidade, que permitia ao indivíduo entender a irrealidade de uma realidade contida na estrutura social. O imaginário sertanejo, de certa forma, trouxe um alívio e uma acomodação ao sofrimento imposto àquele povo que desconhecia formas mais amenas de se viver. Conviver com o diabo não é fácil, mas não é difícil entendê-lo.

Bibliografia :

Balandier, G. - A Desordem.RJ., Bertrand Brasil, 1997.

Castells, Manuel – O Poder da Identidade. RJ., Paz Terra, 2001.

Guimarães Rosa, João – Grandes Sertões e Veredas. RJ, Nova Fronteira, 1986.